



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12007 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

O CONTO DA AIA: A CRISE E ANIQUILAÇÃO

Lorena Azevedo do Carmo - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO UNIRIO

Maria Luiza Sussekind Verissimo - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

O CONTO DA AIA: A CRISE E ANIQUILAÇÃO.

No campo do currículo, de acordo com Macedo (2013), a noção de crise propicia enfoques melhoristas, de modo a controlar os sentidos de currículo, reduzindo-os e ampliando a hegemonia de discursos universalistas, ou seja, discursos excludentes. Ainda dialogando com a pesquisadora, a mesma nos diz que as crises são o motor das mudanças, sendo esse pensamento uma marca do pensamento crítico no campo. Entendo aqui o Currículo a partir do conceito de conversa complicada de William Pinar, que dialogando com Autor 2 (2014, p. 31) explica que:

É uma conversa porque as pessoas estão falando umas com as outras. E porque os professores falam não só com seus estudantes, mas com seus próprios mentores, suas próprias experiências e com seus conteúdos, pois os conteúdos em si mesmo são conversas.

Os discursos, em suas múltiplas possibilidades, podem ser usados como armas políticas que, nas crises, buscam diagnosticar e criar soluções generalistas para a Educação nacional com tendências mercadológicas como, por exemplo, a Base Nacional Comum Curricular que se compreende por um documento “de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais” (2018, p. 7), entretanto, apesar de contar com uma equipe de especialistas em sua constituição, a Base por sua proposta arrogante “de não se querer ver e muito menos valorizar a experiência que nos cerca” (SANTOS, 2002, p. 245) ignora as múltiplas especificidades de cada escola, visto que “é impossível encontrar duas escolas iguais” (EZPELETA, ROCKWELL, 1989, p. 50). Ou seja, o documento perde

vestígios importantes quando busca a padronização de conhecimentos que assume como essenciais.

A BNCC se mostra epistemicida (SANTOS, 2007) quando não valoriza as diferenças, invisibiliza saberes e busca a impossibilidade de soluções e resultados inalcançáveis que acarretam na demonização dos profissionais da Educação (AUTOR 2, 2018) que caem nas armadilhas de um jogo desonesto. Os currículos escorrem por entre nossos dedos, fazem parte de um campo alimentado por disputas e dissenso.

Intersecciono aqui o estudo dos currículos com a obra distópica ‘O Conto da Aia’ (ATWOOD, 2017), por compreender a importância de se olhar a distopia como camadas do agora. Ajusto, portanto, minha lente de pesquisa para discursos de crise que induzem a movimentos que cerceiam direitos tidos como inalienáveis e, desta forma, aniquilam tudo aquilo que fogem a regra. O mundo de Atwood está colapsado, suas premissas decorrem da infertilidade humana e a escassez das reservas naturais, esse mundo em crise, radicalizado, abre espaço para soluções fundamentalistas, totalitaristas, que na narrativa são propostas por um grupo de homens brancos intitulados filhos de Jacó.

Gilead, antigo Estados Unidos da América, país distópico da narrativa de Atwood, invoca uma fundação teocrática sobre o Antigo Testamento da Bíblia, de modo a justificar suas atrocidades hipócritas, principalmente, contra as mulheres. Como tal, Gilead é um local que se vale da Necropolítica (MBEMBE, 2016), dos controles e das garantias de suas próprias leis, onde a violência do estado de exceção atua a serviço da civilização quase extinta e, desta forma, “aparecem formas de crueldade mais íntimas, sinistras e tranquilas” (MBEMBE, 2016, p. 129).

A violência praticada contra as pessoas e contra a natureza faz parte, também, da violência que impõe currículos epistemicidas, pensados muitas vezes em períodos de crise, em que proporcionam apagamentos de saberes, avaliações externas em larga escala que produzem e materializam dados, rankings, fracassos e que conseqüentemente promovem discursos de desvalorização da Educação Pública Nacional, já que o atual governo anuncia cortes cada vez mais exorbitantes nos orçamentos das universidades públicas, apesar das mesmas produzirem pesquisas de extrema relevância na área da saúde em um mundo que ainda sofre com o vírus da covid-19, por exemplo.

No início do século XX, de acordo com Pinar (2020), houve o que se compreende como crise da ‘masculinidade’ branca. O medo da feminização, em relação aos meninos brancos, tornou-se uma preocupação que orientou currículos nacionais e políticas de controle sobre a docência, reafirmando a ideia de um documento prescritivo capaz de preservar e fazer a manutenção dos papéis de gênero tradicionais. Portanto, torna-se difícil não jogar para o lado de lá da linha abissal (SANTOS, 2007) tudo aquilo que não converge com a norma, ou, nesta pesquisa, com a heterossexualidade, assim como ocorre em Gilead que assassina e expõe os traidores de gênero.

Pensar a crise como um movimento que pode acarretar em um tsunami (AUTOR 2, 2018), torna mais importante ainda questionarmos o conhecimento essencial, que por vezes é a ‘solução’ que reduz, normaliza, prevê, regula, domina e legisla maneiras concretas de ser e de viver na sociedade, que transforma as pessoas em coisas e que se guia por um objetivo que é o seu próprio objetivo e torna invisível a alteridade.

A pandemia de Covid-19 acelerou e intensificou apagamentos, as crises humanitárias e aprofundou os abismos sociais. Durante esse período de grandes incertezas, vimos que os abismos na Educação eram muito maiores, os profissionais da área precisaram mais uma vez “operar golpe por golpe” (CERTEAU, 2020, p. 95), reinventando-se, aprendendo novos modos de ser e estar no ‘chão’ das plataformas *online* com os outros sobreviventes que tinham o privilégio de acesso a meios tecnológicos, já que a falta de equipamento e *internet* só mostrou mais uma faceta da desigualdade social.

Vimos políticas públicas municipais cruéis que obrigaram retornos mal planejados ao espaço físico, contabilizamos entre nós, profissionais da Educação, o número de evasão escolar daqueles que precisaram dar conta do sustento de suas famílias em um momento em que o país vê o agravamento da miséria. Sem justiça social não há democracia. Não há padronização de conhecimentos ‘fundamentais’ que respondam questões de melhoria, nem às crises.

Palavras-chave: o conto da aia; currículo; crise;

Referências

ATWOOD, M. **O conto da aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. 366p.

AUTOR 2. “Educação em pauta”. **Revista da ADCPII** [online], ano V, n. 1, ago. 2018. Disponível em: http://adcpil.com.br/wpcontent/uploads/2018/07/ebook_revista_6.pdf. Acesso em 20 ago. 2019.

AUTOR 2. **Quem é William F. Pinar**. Petrópolis: DPetAliv, 2014. 108p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal.pdf. Acesso em 23 jul. 2022.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes. Vol.1, 5ª reimpressão, 2020. 319p.

EZPELETA, J; ROCWELL, E. **Pesquisa participante**. São Paulo: Cortez, 1989.

MACEDO, E. A noção de crise e a legitimação de discursos curriculares. **Currículo sem fronteiras**, v. 13, n. 3, p. 436-450, 2013. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol13iss3articles/emacedo.pdf>. Acesso em 20 jan.

2022.

MBEMBE, A. Biopoder soberania estado de exceção política da morte. **Arte & Ensaios**. Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n. 32, p. 123-151, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em 20 abr. 2021.

PINAR, W. PUNK”D. In: RODRIGUES, A.; CAETANO, M.; SOARES, M. C.S. **Queer(i)zando Currículos e Educação: narrativas do encontro**. Salvador: Editora Devires, 2020, p.62-92.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 79, p. 3-46. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004. Acesso em 30 set. 2019.

SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista crítica de ciências sociais**, n. 63, p. 237-280. 2002. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/1285>. Acesso em 15 jan. 2020.